

VARIAÇÃO NA INTERAÇÃO ENTRE INFORMANTE E ENTREVISTADOR¹

Harald Thun²

Tradução: Cléo Vilson Altenhofen³; Filipe Neckel⁴

Revisão: Cláudia Fernanda Pavan⁵

Visão geral

1. O paradoxo do observador e seu papel na sociolinguística e na geolinguística
 - 1.1 Dois problemas básicos da linguística
 - 1.2 O paradoxo do observador na sociolinguística de William Labov
 - 1.3 O paradoxo do observador na geolinguística (Jules Gilliéron, Karl Jaberg e Jakob Jud)
 - 1.4 Observações sobre o conceito de “variedade”, sobre o paradoxo do observador e sobre o *status* atribuído às respostas dos informantes
2. Variação no ADDU e no ALGR
 - 2.1 Hipótese básica
 - 2.2 Justificativa principal para a abordagem pluridimensional
 - 2.3 Exigência de homogeneidade
 - 2.4 Aproximação ao estilo espontâneo
3. Os tipos de variação em particular
 - 3.1 Variação intra- e interindividual, variação associada ao signo linguístico
 - 3.2 Lista aberta da variação
 - 3.3 Variação diafásica e graus de espontaneidade
 - 3.4 Variação no interior de uma variedade
 - 3.5 Variação (distribucional) associada ao signolinguístico
4. Relação entre variação intra- e interindividual
 - 4.1 Análise do quadro
 - 4.2 Perguntas de sugerência
 - 4.3 Entrevistas em grupo
5. Conclusão

¹ Traduzido com a permissão do autor para a publicação nos Cadernos de Tradução do IL, a partir do texto em alemão THUN, Harald. „Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator“. In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus J. (orgs.). *Varietäten – Theorie und Empirie*. Frankfurt a. Main et al.: Lang (2005, p. 97-127).

² Professor Doutor da Universidade de Kiel, na Alemanha.

³ Professor do Instituto de Letras, UFRGS.

⁴ Aluno egresso do curso de Bacharelado em Letras Alemão, UFRGS. Atualmente, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC.

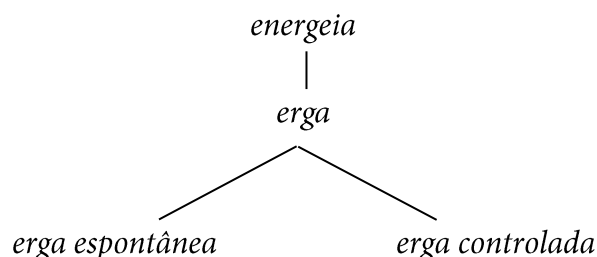
⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS.

1. O paradoxo do observador e seu papel na sociolinguística e na geolinguística

1.1 Dois problemas básicos da linguística

Não podemos tratar do nosso tema, os modos de variação que se apresentam no diálogo entre informante e entrevistador de um atlas linguístico ou que podem resultar das condições de gravação de fala, sem aludir imediatamente a duas dificuldades. De um lado, temos que lembrar o problema básico insolucionável, de base platônico-humboldtiana, de que captamos e observamos imediatamente somente as obras da língua, as *erga*, a partir das quais podemos apenas inferir, como numa imagem, a atividade viva resultante, a *energeia*, que constitui a verdadeira língua.⁶ Por meio do estudo da variação, observamos sem dúvida um constituinte essencial da competência linguística do falante. Contudo, não captamos esse elemento imediatamente, mas sim apenas por intermédio da conclusão.

Por outro lado, precisamos considerar o chamado paradoxo do observador. Este se apresenta como consequência fatal, que resulta diretamente da participação inevitável do entrevistador na ocorrência de fala. O esforço empenhado pelo linguista na pesquisa de campo é, portanto, mal recompensado. Pois, além de a nossa observação direta estar aberta apenas ao *ergon*⁷, ainda há a suspeita de que deturpamos o *ergon* justamente devido a essa observação. Pois o falante seria, por esse viés, impedido por nós, como observadores, de se expressar de forma espontânea, sendo levado a produzir apenas falas controladas. Com isso, também desaparece a secreta esperança criada após a transição de Wenker para Gilliéron, ou seja, com a substituição da coleta de dados por correspondência pelo método de investigação direta (e de sua possibilidade de ser repetida e controlada com a ajuda de gravações), pareceu ter se tornado mais fácil participar da fala efetivamente viva e, desse modo, aproximar-se apesar disso da *energeia*, como se isso fosse possível por intermédio da língua escrita. Esta surge a Humboldt como um caso exemplar da obra da língua já concretizada, da “conservação incompleta e mumificada” da língua. Pois bem, é também essa vantagem abolida pelo paradoxo do observador? Restam ao linguista observador somente *erga* controladas, conforme sugere o seguinte esquema?



⁶ Humboldt (1830-1835, III, p. 418).

⁷ *Ergon* – ‘trabalho’, em grego. (N. do T.)

Há que concordar, seguramente, que ninguém que se ocupa da língua falada escapa ao paradoxo do observador.⁸ Contudo, mencionar ritualisticamente esse fato como um problema e em seguida afirmar, sem indicação de estratégias precisas, que se amenizou seus efeitos através da observação participante, não constitui uma solução. Para nós, pelo contrário, permanece a suspeita de que, por conta do paradoxo do observador, deixamos de apreender uma parte considerável do espectro de variação. Afinal, não devemos temer que se nos escapem justamente os estilos espontâneos? E mais: o que conseguimos registrar da língua, seja com ou sem intervenções de controle, torna-se ao final inútil?

A questão sobre as condições restritas de levantamento dos dados não é novidade, nem na sociolinguística nem na dialetologia. Uma breve comparação das respostas de ambas as disciplinas irmãs contribui não pouco para que se faça justiça à história dessas ciências. Essa comparação nos mostra que a sociolinguística e a dialetologia conferiram um peso diferente aos aspectos da produção de fala pelo falante e da percepção pelo pesquisador da língua, no que diz respeito à variação. O paradoxo do observador exige que ambos os pontos de vista sejam considerados. Parece claro que as discussões entre a tradição sociolinguística e a dialetológica precisam partir exatamente do ponto no qual seus métodos e suas técnicas se interligam. Esse é o caso na “Dialetologia Pluridimensional”, que estamos testando em dois projetos de atlas linguísticos em andamento.⁹ A experiência adquirida nesses projetos vem permitindo avaliar, com realismo e alguma desilusão, o significado que o paradoxo do observador assume na prática.

1.2. O paradoxo do observador na sociolinguística de William Labov

Retornemos, inicialmente, 30 anos no tempo, para lançar um olhar sobre o programa que William Labov delineou para a sociolinguística. O paradoxo do observador se encontra no centro dessa disciplina, que se ocupa com “*The Study of Language in its*

⁸ E se quando o autor de uma obra, que se baseia em expressões orais, não se manifesta sobre o problema da restrição da espontaneidade através do fato do levantamento, então, seu leitor levanta esta questão. Na consideração das circunstâncias de levantamento na longa série de atlas linguísticos publicada por Manuel Alvar, entre os últimos, por exemplo, *El español e Paraguay. Estudios, encuestas, textos*. Alcalá de Henares (2001).

⁹ Sobre a metodologia da dialetologia pluridimensional, cf. Thun (1998) e Thun (2001). Os dois projetos correntes são brevemente descritos em Thun (2001 – 2002a) e Thun (2001 – 2002b). No ALGR, foi publicada a parte sociolinguística: Thun [et al.] (eds.), 2002; no ADDU, as partes seguintes: Thun [et al.] (eds.) (2000a, e Thun [et al.] (eds.) (2000b). O ADDU trata do contato linguístico entre o espanhol e o português, no Uruguai, assim como uma fronteira do sul do Brasil e da Argentina como um dos pontos centrais de pesquisa. No ALGR, coloca-se no centro da pesquisa o efeito do contato entre espanhol, português e guarani, que se estende sobre o Paraguai e regiões limítrofes argentinas e brasileiras. Um terceiro projeto de atlas, que está sendo preparado por meu colega Cléo Altenhofen, de Porto Alegre, e por mim, sob o nome de *Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs*, pretende pesquisar o contato linguístico entre a minoria de falantes de alemão e o português, assim como o espanhol na região do Prata.

Social Context”.¹⁰ O programa se resume nas seguintes palavras, que se tornaram conhecidas:

“We are then left with the OBSERVER’S PARADOX: the aim of the linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation” (p. 171).

Não podemos prescindir do entrevistador em nossos levantamentos de dados linguísticos. De sua presença incômoda, porém necessária, depreendemos, a partir de Labov, duas conclusões. Em primeiro lugar, que existe um tipo principal de variação, que ocorre entre duas classes de variedades, das quais uma delas nos é completamente ou quase inacessível, devido à presença do pesquisador. Portanto, existe o perigo de não realizarmos a pesquisa dessa variação principal, uma vez que nossas entrevistas condicionadas não nos permitem reconhecê-la. Em segundo lugar, que essa variação surge entre variedades que não se equivalem em valor. Somos obrigados a concluir, a partir do que expõe Labov, que a fala produzida pelos informantes na ausência do observador—que ele denomina “vernacular” e que busca registrar através de uma série de técnicas refinadas de obtenção de dados – é considerada por ele mais valiosa do que a fala produzida na presença de um observador. Segundo seu ponto de vista, o “vernáculo” pode ser registrado, sendo portanto possível anular o paradoxo do observador. Labov apresenta uma série completa de técnicas refinadas de levantamento de dados, frequentemente imitadas, que têm todas como objetivo “[to] divert attention away from speech, and allow the vernacular to emerge” (p. 171). Para distrair os falantes, usam-se temas de conversa interessantes (por exemplo, relatos sobre situações de risco de vida) ou entrevistas extremamente curtas, que não deixam tempo ao informante para fazer um autocontrole de sua fala. Contudo, o caminho mais eficaz para a fala espontânea passa aparentemente pelo registro de conversas dentro de “peer-groups” (também conhecidos como “natural-groups”) e através de “long-term participant observation” (p. 172). No primeiro leque de entrevistas, o entrevistador não está presente, a coleta dos dados é supostamente encoberta, ou seja, ele se disfarça como um “peer” ou, na melhor das hipóteses, assume de forma problemática a dupla função de membro da interação e observador. No segundo caso, espera-se que o autocontrole se reduza com o tempo, tendo em vista que os informantes ficam mais cansados ou o entrevistador vai cada vez mais ganhando a confiança dos entrevistados.

William Labov exorcizou o fantasma do paradoxo do observador. Será que ele também o baniu completamente? Resta uma última dúvida, que ele mesmo alimenta com esta declaração:

¹⁰ Labov ([¹1970], ²1971).

“No matter how casual or friendly the speaker may appear to us, we can always assume that he has a more casual speech, another style in which he jokes with his friends and argues with his wife” (p. 170 ss.).

Não deve ser fácil para o entrevistador tornar-se amigo de todos os informantes ou mesmo de seus cônjuges.

Mesmo que raramente funcione ou mesmo que não seja possível avançar por esse terreno mais espontâneo da “most casual speech”, ainda nos restam domínios acessíveis, nos quais se pode reconhecer uma gradação da influência do observador na inibição da espontaneidade. Entre as inovações metodológicas mais eficientes, está a técnica de Labov de conduzir, através de estímulos apropriados, a variação estilística na fala do indivíduo por um eixo de atenção crescente que vai do “casual speech” (o mais informal possível) até a reprodução de pares mínimos. Esse procedimento baseia-se no conceito: “*as far as we can see, there are no single-styled speakers*” (p. 170). Ele se ajusta principalmente ao lado fonético do signo linguístico, é ideal para fenômenos da fonética segmental que, não por acaso, são privilegiados na sociolinguística laboviana. A estimulação da produção de expressões nesses diferentes estilos é, assim, repetida com o maior número possível de representantes de um mesmo grupo social e, em seguida, contrastada com a fala de outros grupos sociais. Desse modo, resulta a possibilidade – passando da obtenção dos dados para o campo da interpretação – de detectar a variação já no interior do estilo de um informante, de estudá-la em comparação com os diferentes estilos do mesmo informante e de tornar seus resultados representativos através do aumento do número de informantes e da variação das características de cada grupo. Por esse caminho, Labov chegou à descoberta e confirmação de suas famosas “variable rules” (p. 183). Essas regras têm valor dentro da mesma variedade (do mesmo estilo) e são distribucionalmente condicionadas; elas apresentam, portanto, uma variação, motivada intralinguisticamente, de regras diversas, mas coexistentes, que se relacionam entre si e que são, frequentemente, pré-requisito para a mudança linguística.

1.3 O paradoxo do observador na geolinguística (Jules Gilliéron, Karl Jaberg e Jakob Jud)

O método de redução de J. Gilliéron

Embora Labov tenha nomeado o paradoxo do observador, bem antes dele, Jules Gilliéron já tinha consciência desse fato e já havia percebido, até em um espectro mais amplo, os riscos de se influenciar, na pesquisa, a fala espontânea do informante. Enquanto Labov busca, no levantamento de dados, refúgio na técnica da distração sutil, Gilliéron força seu entrevistador ao emprego de um procedimento bastante brutal, que poderíamos chamar de “método de redução”. Este consiste em condicionar o informante, sempre da mesma forma, através de perguntas rápidas, permitindo somente a primeira resposta

dialetal, sem possibilitar complementos, correções e comentários. Com isso, o entrevistador descarta todo tipo de variação intraindividual dentro do mesmo estilo e, assim, toda informação metalinguística. O estímulo, ao qual o informante devia reagir, era sempre uma palavra ou frase em francês padrão que o informante era solicitado a traduzir para o dialeto local. Isso exclui a mudança de estilo por parte do informante ou pelo menos torna mais difícil reconhecer a diversidade de variedades intraindividuais. Visto que foi considerado suficiente um único informante por localidade, não há evidentemente tampouco variação interindividual, muito menos variação entre falantes de diferentes grupos sociais.

Problemas de percepção e de representação

Com Gilliéron, tem início também a reflexão dolorosa, mas necessária, sobre a participação que o entrevistador e o autor de atlas podem ter sobre a possível influência para além do informante na deturpação, pensável, do material recolhido. Tal reflexão tem seu ponto alto no relatório de Karl Jaberg e Jakob Jud sobre o ALF¹¹, “O Atlas Linguístico como instrumento de pesquisa” (v. abaixo). Em W. Labov, essa parte do espectro, até onde tenho conhecimento, está excluída. Para ele, parece não existirem problemas de percepção por parte do entrevistador nem necessidade de discussão sobre a precisão da transcrição fonética. À criteriosa distinção sociolinguística dos grupos de informantes e de seus estilos de fala, contrapõe-se um uso linguístico mais despretenso de classes de variantes. É como se a análise estatística rebata a coleta de materiais. Não se fala mais em um “paradoxo do organizador”.

Já em Gilliéron, isso é diferente. Ele impõe ao entrevistador e a si mesmo, por ser quem reúne o material no atlas, um ascetismo tão rigoroso quanto aquele que impõe aos informantes. Fiel ao seu modelo da fotografia instantânea, ele busca evitar que o informante tenha qualquer possibilidade de “posar” e que o entrevistador e o autor do atlas igualmente não tenham oportunidade de “retoque (*retouche*)”. O fato linguístico deve aparecer no mapa como um “instantané sans retouches”. Por isso, o entrevistador é instruído a não corrigir o questionário, em hipótese alguma, mas enviá-lo imediatamente após a conclusão do levantamento ao autor do atlas. Este segue rigorosamente, e às vezes contra a própria convicção, o princípio de transferir toda a transcrição *tel quel* para o mapa. O momento do registro de dados é, portanto, complementado pelo processamento dos dados. O paradoxo do observador não representa, portanto, uma ameaça apenas durante o levantamento linguístico; ele se estende também à fase de transferência das transcrições manuais para o modelo de impressão. Por trás de tudo isso, está a esperança de ter arrancado do informante, por meio de um procedimento de obtenção de dados que imita a fotografia instantânea, um material dialetal autêntico, que também na fase de desenvolvimento não é retocado.

¹¹ Jaberg & Jud (1928-1940).

Problemas de representação e recepção (K. Jaberg & J. Jud)

Uma geração mais tarde, Karl Jaberg e Jakob Jud, editores do segundo maior empreendimento de atlas linguístico da Romênia, retomam o horizonte de discussões. No volume auxiliar já mencionado, do ALF, “O atlas linguístico como instrumento de pesquisa” (HALLE A. D. SAALE, 1928), os autores não se preocupam somente com a influência do entrevistador sobre o informante ou com a influência do entrevistador e do autor de atlas sobre o material coletado que aparece no mapa. Eles também consideram a utilidade da obra concluída para o leitor e de seus possíveis interesses científicos. Assim, surge, após a dupla combinação gillieroniana entre informante e entrevistador de um lado e entrevistador e redator do atlas de outro, uma tripla combinação, de que fazem parte as duas instâncias mencionadas mais a perspectiva do usuário do atlas. Não se pode censurar Labov por não considerar um atlas linguístico como uma coleta organizada de materiais, amplamente aberta à interpretação, mas atribuir apenas sua própria interpretação aos dados. Porém, é de se lamentar que suas dúvidas autocríticas se limitem à fase inicial do processo trifásico. A dialetologia pluridimensional está, por seu lado, condicionada a seguir a segunda e terceira fases da linha tradicional da geolinguística.

Condições de levantamento dos dados

Jaberg e Jud defendem que a “fala viva”, na situação de entrevista, “mal poderia ser mobilizada apenas por meios artificiais”, já que os nativos “teriam uma timidez natural de comunicar-se com desconhecidos” (p. 180). A isso, somam-se outras pressões causadas pelo projeto de atlas em si. O objetivo de manter comparáveis os dados recolhidos em uma área tão grande e multiforme exigiu um ponto de partida idêntico. Este só podia ser a língua comum italiana, uma vez que nenhum entrevistador conseguiria ter familiaridade com todas as variedades italianas, não sendo capaz de perguntar em toda parte no respectivo dialeto. Considerando que o informante precisava pelo menos entender a língua comum, os falantes apenas de dialeto, que de seu “vernáculo” não conseguiriam recorrer ao uso da língua *standard*, foram lamentavelmente excluídos, elevando a pressão da língua comum sobre o dialeto na situação de entrevista. Do mesmo modo, por causa de seu conhecimento restrito da língua comum e também devido à sua posição social que as proibia de qualquer contato com estranhos, também as mulheres, mesmo sendo nessa época as melhores falantes de dialeto, na Itália, não foram escolhidas para entrevista, em todo caso não como informante principal na ausência do cônjuge. E naturalmente o ALF também conhece o informante que tem pouca consciência linguística e demais necessidade de adaptação e que responde, por isso, da forma que julga mais agradar o entrevistador (p. 190).

Qual saída pode haver nesse emaranhado de dificuldades? Pelo menos a experiência adquirida do contato com tantos informantes distintos diminuiu o receio de que, em toda

parte, a situação de entrevista inviabiliza a produção de fala espontânea. Como basicamente já feito por Gilliéron, também Labov atribui, com certo fatalismo, as consequências indesejadas do paradoxo do observador a toda e qualquer configuração na relação informante-entrevistador e vê uma saída unicamente através do último, que deve condicionar o primeiro. Jaberg e Jud, em contrapartida, acentuam a grande diversidade dos perfis dos informantes e de suas reações, que de um lado não permitem uma sólida tipificação e condução segura do comportamento, embora, por outro lado, também nem sempre a coloquem como necessária (cf. p. 191ss.). Ambos contam com o efeito benéfico da crescente confiança resultante das longas entrevistas (em média 18 horas de trabalho), do ambiente doméstico e da possibilidade concedida aos informantes de determinar pessoalmente a duração do trabalho (p. 195).

O acesso ao estilo espontâneo

Acima de tudo, Jaberg e Jud são menos pessimistas quanto à possibilidade de registrar o “vernáculo”:

O acervo de dados linguísticos incitado artificialmente por meio dos procedimentos de entrevista é complementado pela fala viva que ocorre de um lado a outro entre os membros da família. O entrevistador hábil é capaz de registrar rapidamente sons de fala e formas linguísticas que lhe permitem avaliar até que ponto as respostas do seu informante correspondem à língua coloquial dialetal livre de influências (p. 194).

Para Jaberg e Jud, coloca-se claramente, no centro das atenções, a possibilidade de controlar, ao menos esporadicamente, a formulação das perguntas a um nível que corresponda ao uso espontâneo. Precisaremos refletir ainda se, com a presença de muitas pessoas, o entrevistador tem também a chance de obter, de forma razoavelmente completa e sistemática, a variação entre a variante do diálogo de entrevista e a variante do diálogo entre informante e parceiros de fala de sua comunidade, da qual o entrevistador é apenas observador participante; ou se o estilo espontâneo aparece sempre de forma fragmentária. Um avanço fundamental do ALF é dado pela inovação de apresentar esses sons e formas “capturados” do diálogo, assim como as “interrupções” dos demais participantes presentes na situação de entrevista, em registros marginais, separados do mapa.

O controle é diário

Para tranquilidade daqueles que ficam assustados com o paradoxo do observador, vale destacar a reflexão que Jaberg e Jud fazem na sequência da condução da entrevista:

O entrevistado não se encontra apenas sob o controle do entrevistador, mas também sob o controle dos membros da família presentes e dos conhecidos e vizinhos que entram e saem atraídos pela visita incomum (p. 194).

Portanto, o controle não é só praticado e iniciado pelo entrevistador, mas faz parte da rotina da língua. Há controle também quando nenhum desconhecido atento está presente.

Priorização da percepção do entrevistador

Enfoquemos brevemente as intervenções que são feitas na fase de coleta e análise. Enquanto, para Gillieron, o entrevistador deve funcionar como uma câmera fotográfica que coleta, mas não interpreta imediatamente, está claro para Jaberg e Jud que a fase de análise dos dados já se inicia com seu registro, em campo, pelo entrevistador. Este dispõe, com a conhecida “transcrição impressionista”, sem dúvida, de uma “*narrow transcription*” rica em detalhes, na qual são anotadas as respostas “correspondentes à reação imediata do sujeito”, portanto na ordem em que ocorrem, mas também expressões de sentimentos bem como comentários dos informantes são arrolados. Para a entrada do atlas, no entanto, os editores atribuem, ao menos quantitativamente, uma importância maior à apreciação do entrevistador. Suas afirmações são sempre reproduzidas completa e fielmente, enquanto aquelas dos informantes nem sempre o são, visto que muitas delas se perdem, “o que pode ser uma orientação valiosa para o futuro interpretador do mapa” (p. 211ss.)¹².

A impressionante abertura e autocrítica dos autores vão a ponto de admitir a possível produção de um tipo de variação artificial, que é conhecida atualmente como isoglossa do entrevistador. Para o AIS, trabalharam três entrevistadores em diferentes regiões. Os materiais de um representam, de certo modo, o estenograma não corrigido; os dos outros dois, uma ata corrigida (p. 204, obs. 2). Portanto, possivelmente o norte e o sul da Itália se diferenciem em grau menor e maior da normalização das falas dos informantes pelo entrevistador. Na terceira fase, que é perpassada pelos dados e que afeta a relação do editor e do usuário, os dois redatores do atlas também “regularizam” – respeitando a “comodidade do leitor” e marcando também, por exemplo, na parte gramatical, o infinitivo – onde foi respondido na terceira pessoa do singular ou em outra pessoa (p. 204).

1.4 Observações sobre o conceito de “variedade”, sobre o paradoxo do observador e sobre o status atribuído às respostas dos informantes

Observação preliminar

¹² Essa escolha é justificada, por um lado, pelo fato de que frequentemente diversos informantes não estão de acordo e dão declarações contraditórias, por exemplo, “irônico” e “rude” (p. 209), e por outro, através da limitação do atlas ao *status* de esboço, não ao de um quadro pronto.

Como vimos, a geolinguística está tão ciente quanto a sociolinguística do esforço que custa registrar a linguagem espontânea, sem influências, do informante. Podemos perfeitamente reconhecê-la como variedade e inclusive a própria observação já nos dá pistas de que existem tais variedades. Ainda permanece em aberto, no entanto, se seu emprego pode ser mantido pelo menos para o tempo necessário para, de certo modo, garantir uma descrição razoavelmente completa do “vernáculo”. Mais difícil ainda, com certeza, é conseguir registrar a linguagem espontânea de igual modo em todos os pontos de pesquisa, em um projeto que envolve uma grande área. Também em nossos próprios projetos de atlas, não faltam lembranças amargas de momentos em que o estilo da fala se tornou mais livre, mas as circunstâncias tornavam difícil a sua “captura”. Pois a entrevista já havia terminado, o gravador já estava desligado e eram agora os informantes que faziam perguntas aos entrevistadores ou os falantes conversavam entre si coisas que não estavam relacionadas à entrevista.

“Variedade”

As observações relativas ao difícil acesso à linguagem espontânea nos mostram que é necessária uma definição mais ampla do termo “variedade”. Esse conceito já se justifica, porque encontramos nele um termo geral e neutro para “dialeto”, “socioleto”, “língua regional”, “língua especial”, “linguagem técnica”, mas também para “língua *standard*”, “língua padrão” e mesmo “estilo” ou “registro”, recuperando com isso a amplitude conceitual que o termo do grego *dialéktos* mais tarde perdeu, ao se restringir a “variedades” ligadas a determinado espaço de ocupação.

“Variedade”, embora ela mesma seja uma “língua”, distingue-se desta pelo ponto de vista relacional. “Língua” pode-se imaginar como uma única, por exemplo como língua humana. “Variedade” pressupõe uma pluralidade de línguas. Enquanto há línguas que coexistem inteiramente sem ter nada a ver umas com as outras, a “variedade” sempre compreende uma relação com outras variedades. Essa relação em si pode ser de ordem diferente:¹³ subordinação, superioridade, igualdade.¹⁴ O estudo da língua em seu contexto

¹³ N.T.: No original (*Unterordnung, Überordnung, Gleichordnung*), o autor utiliza termos similares que enfatizam respectivamente o “subordenamento, supraordenamento e coordenamento”.

¹⁴ Além disso, o tipo da relação pode se alterar, tornando difícil a análise de domínio em casos isolados e podendo inverter as relações de “poder” e “solidariedade” como “sentido” do uso de uma língua em uma determinada configuração. Se considerarmos a clássica relação sociolinguística do espanhol e do guarani no Paraguai, então reconhecemos, de fato, que a primeira língua é frequentemente superior à segunda. Mas isso nem sempre é assim. Em primeiro lugar, no domínio “contato entre executivos e cidadãos”, as duas línguas ocorrem. Em segundo lugar, o sentido do uso pode ser extremamente diferente no caso de cada uma das duas línguas. Por exemplo, quando um policial fala com um compatriota preso em espanhol (“*high variety*”), então, ele quer dar a entender ao outro, com isso, que ele pode contar com um tratamento, correspondente às leis – formuladas em espanhol. Mas também pode sugerir que, como policial, ele anula a solidariedade, representada entre os paraguaios, em geral, pelo uso do guarani, visto que o outro é um prisioneiro. Mas ao

social nos ensina que nenhum desses tipos de relação é neutro – não raro, a relação é tensa. “El saber no ocupa espacio” (o saber não ocupa espaço), diz um ditado espanhol. Mas isso vale somente para o estado de repouso, não para a prática do conhecimento. Como toda atividade cultural, a variedade existe no tempo e no espaço e exige, por meio de seus falantes, uma porção das duas dimensões exclusivamente para si. No esforço por uma descrição tanto quanto possível completa das variedades,¹⁵ isso é facilmente esquecido, provavelmente sob a pressão de uma “*political correctness*” – que determina que tudo seja acessível a todos ou, pelo menos, que tudo seja dividido equitativamente entre todos, sendo às vezes também omitido o fato de que os próprios falantes ocupam espaços com suas variedades. Também não querem admitir dentro delas outras variedades. Afirmando, com isso, que faz parte do conceito de variedade não apenas a relação abstrata com outras variedades, mas também a delimitação concreta e a exclusão de variedades concorrentes por parte dos falantes. É, portanto, bem normal que os informantes mantenham sua linguagem espontânea, reservada à interação com pessoas de sua confiança, de certo modo distante do entrevistador desconhecido.

Acesso aos estilos mais espontâneos e valoração dos menos espontâneos

Não se trata de uma distância inexpugnável, mas vencê-la custa muito tempo e requer habilidade. Porém, se comparado com o tempo de coleta do ALF, a duração relativamente longa dos levantamentos de dados para o ADDU (até 16 horas, passando, portanto, de uma semana) e para o ALGR (de 8 a 10 horas, frequentemente três dias ou mais), favorece comumente, embora nem sempre, a confiança crescente dos informantes em relação ao entrevistador.

Por outro lado, não existe motivo para menosprezar as demais variedades não espontâneas. O controle através do parceiro de diálogo, que conduz ao autocontrole, faz parte da prática de conversação dos informantes entre si, conforme acentuam Jaberg e Jud. Entretanto, o paradoxo do observador também funciona ao contrário. Em um levantamento do nosso *Atlas Lingüístico Guaraní-Românico*, um dos nossos informantes paraguaios disse a outro a respeito do entrevistador: “Este nos está mirando” (Ele está nos observando). Nisso, seu parceiro de conversa o tranquilizou: “Tranquilo, lo miramos también” (Não se preocupe, nós o observamos também).

Enquanto não houver confiança, facilitando a transição às variedades mais espontâneas, o estilo lingüístico que os informantes escolhem nas entrevistas com os entrevistadores responde à questão: como se fala com desconhecidos? Seguramente, criar

contrário, dirige-se ao prisioneiro em guarani, não deve representar sempre expressão de amabilidade solidária nem de abertura a um contato mais próximo, mas sim pode indicar a mensagem contrária: “eu te tratarei como as autoridades fazem com as pessoas comuns, ou seja, de forma rigorosa e sem levar em conta as leis”.

¹⁵ Como, por exemplo, no modelo da arquitetura, que E. Coseriu traçou para a “língua histórica”. Cf. seu artigo no congresso, Coseriu (1966, § 3.5).

esse contato também faz parte da competência do falante que, diante das circunstâncias, pode recorrer a uma variedade culta.

Com a pesquisa dessa prática antecipa-se, ainda que involuntariamente, a terceira fase da escala hierárquica de tarefas, que, segundo Navarro Tomás, são atribuídas à geolinguística.¹⁶ Na terminologia atual, a geolinguística do período de Navarro Tomás pesquisa a língua de uma camada social em diferentes pontos de pesquisa (monodimensional, diatópico). Em um segundo nível, a pesquisa linguística precisa investigar diferentes camadas sociais em diferentes pontos (pluridimensional, diatópico, diastrático). Por fim, no terceiro nível, segue-se a pesquisa completa das relações de comunicação, a qual também inclui a comunicação entre membros de diferentes grupos (pluridimensional, relativo a redes de comunicação).¹⁷

Apesar de todas as diferenças que podem ocorrer entre os estilos mais espontâneos e mais controlados, a ideia que nos consola é que, em primeiro lugar, como enfatizam Jaberg e Jud, conseguimos registrar, volta e meia, resquícios do estilo espontâneo. E, em segundo lugar, que todos os estilos, como todas as variedades, na medida em que façam parte de uma língua histórica, devem ser parcialmente idênticos. Muito do que conseguimos registrar nos estilos controlados, também se repete nos espontâneos. Portanto, nossa tarefa consiste em demonstrar essa identidade parcial nos seus pormenores e identificar o que é mais específico do estilo espontâneo. Até agora, essa tarefa, até onde se sabe, não foi concluída.

Língua-objeto, metalíngua e “língua apresentante”

Qual, então, o *status* lógico-linguístico ou referencial que os enunciados dos falantes assumem no centro da entrevista, na aplicação do questionário? Apesar de todas as conhecidas objeções, não se pode renunciar ao questionário, porque é o que garante a homogeneidade dos dados em uma análise maior.¹⁸

Mas o que realmente registramos a partir das respostas dos informantes às perguntas do questionário? Naturalmente *erga*, da qual podemos inferir a *energeia*, portanto, a competência. Através da repetição sistemática das entrevistas com outros informantes, obtemos também um quadro do que é usual no coletivo, da norma, no sentido de E. Coseriu. No programa de nossos atlas latino-americanos, solicitamos explicitamente aos informantes comentários sobre as formas perguntadas. Registramos, assim, a metalíngua.¹⁹ Essas afirmações têm a forma de um julgamento (A é B). Mas o que são em si as formas comentadas? Certamente não equivalem a unidades da língua-objeto, pois não se relacionam diretamente com objetos do mundo extralinguístico que sejam

¹⁶ No “prólogo” de sua monografia geolinguística *El español em Puerto Rico*, Río Piedras (1948).

¹⁷ Mais pormenorizado em Thun (2002).

¹⁸ E com isso segue admitidamente uma ampla distância do diálogo espontâneo e, além disso, extrai artificialmente as palavras ou sintagmas do conjunto de frases ou mesmo do texto.

¹⁹ Cujas expressões também são representadas, com grande densidade, no mapa.

mostrados, discutidos ou narrados. A mim parece que, na situação de entrevista, há um modo à parte, no interior da fala metalinguística. Os falantes apresentam as formas perguntadas, eles as citam e as pronunciam lenta e claramente e, com frequência, inserem-nas em comentários. Aqui um exemplo típico:

Pergunta: ¿Cómo se llama el animal doméstico que nos da el jamón?

(Como se chama o animal doméstico que nos fornece o presunto?).

Resposta: Me parece que es *el chanco*, ¿no es?

Ou: Algunos dicen *chanco*, yo digocerdo

(Resposta aproximada: Parece-me que é porco, não é?! Alguns dizem *porco*, eu digo *cerdo*).

Porco e *cerdo* são mostrados, apresentados. O resto é comentário metalinguístico. Com as duas formas, o falante permanece na ilusão que o entrevistador construiu por meio da explanação de sua pergunta. Ele explicita isso metalinguisticamente.

Para esse modo, gostaria de propor o termo “língua apresentante” (*präsentierende Sprache*).²⁰ Também se poderia cogitar a designação *fake-language*, (aqui a nota mencionada acima!), aludindo à oposição entre *folklore*, como ação no contexto primário de ação, e *fakelore* como uma ação retirada desse contexto primário, que é apresentada a um público, como, por exemplo, a apresentação de um costume referente ao casamento a um grupo de turistas. É importante desvincular o termo *fake* da parte negativa de seu sentido (engano), reduzindo-o a seu – suposto – significado etimológico de “varrer para fora”, ou seja, “embelezar”.²¹

Corresponde à fala apresentante (*präsentierendes Sprechen*), no nível metalinguístico, apresentar objetos no nível da língua-objeto, tais como também fotos e desenhos. De acordo com nossa experiência, o informante recorre, sempre que tem a oportunidade, a esse método de concretização – não somente nas partes etnográficas da enquête, mas também pelo lado linguístico. Se, mais tarde, escuta-se a gravação e se quer compreender a que as palavras demonstrativas, em frases do tipo “*Das hier ist...* (isto aqui é...)” e “*das da ist...* (isso aí é...)”, se referem, é necessário, durante a entrevista, nomear pessoalmente os objetos apontados, como no estilo repórter de rádio (“nosso informante nos mostra um objeto em forma de ferradura”), ou induzir os informantes a nomeá-los. Já que na apresentação metalinguística já está tudo nomeado, tal tarefa torna-se desnecessária.

Para efeitos de completude, vale apontar mais um subtipo de fala voltada à língua-objeto que também ocorre na entrevista e que oferece a oportunidade de “capturar” formas

²⁰ Cf. Thun (2004).

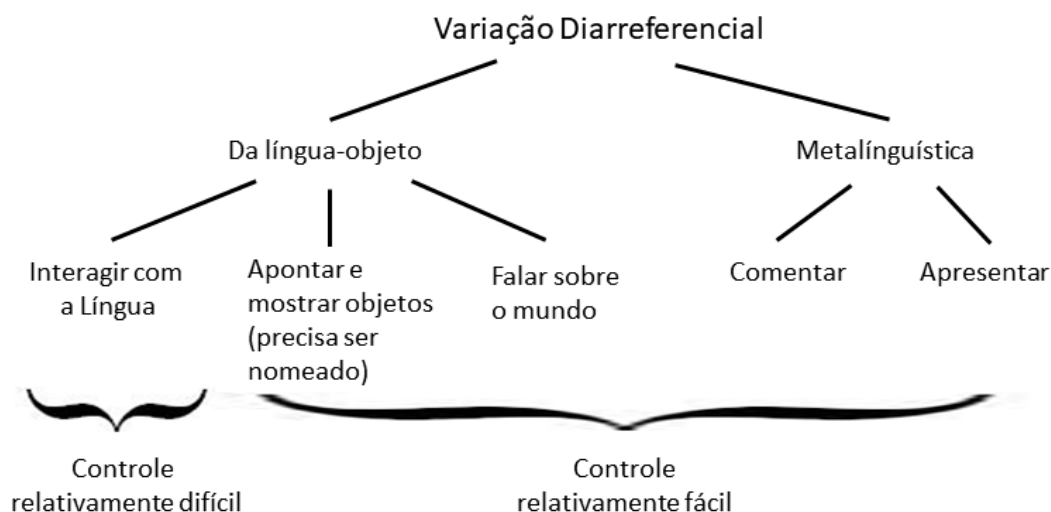
²¹ O folclore linguístico alemão ou a etnologia efetuou uma limpeza análoga na expressão “*folklorismus*”. Um ato folclórico ganha, frente ao elemento folclórico, novas funções, que podem ser inteiramente positivas, por exemplo, se o folclorismo contribui para a manutenção do folclore (cf. BAUSINGER, ³1993, p. 233ss.). Contudo, “Língua Folclórica” não seria um termo transparente.

de fala espontânea. Em nossas entrevistas, fomos, mais de uma vez, interrompidos por terceiros, que queriam alguma coisa dos informantes, de forma que estes se viam instigados ao uso linguisticamente objetivo da língua. Pertence a esse tipo um alerta como: “Cuidado, você empurrou o microfone da mesa”, que lamentavelmente, no entanto, para fins de um registro sistemático em uma área grande, é difícil de ser controlado.

A variação no diálogo entre informante e entrevistador inicia, portanto, pelo fato de que, já no cerne da entrevista, nas respostas às perguntas do questionário, é possível distinguir uma diferença entre comentar metalinguisticamente e apresentar a língua.

A variação “diarreferencial” da língua-objeto e da metalíngua é uma variação básica que se encontra, em princípio, em todas as variedades. A nossa experiência corrobora, no entanto, a opinião de Labov, de que os comentários metalinguísticos são, na maioria das vezes, formulados na variedade *standard*, ou ao menos em uma variedade mais próxima possível desta.²² Os comentários são escassos quando não são estimulados sistematicamente.²³ As unidades da “língua apresentante”, ao contrário, utilizam variantes mais distantes do *standard*, o que já é por si só um motivo para diferenciar, no âmbito metalinguístico, entre comentar e apresentar.

Resumidamente, tem-se o seguinte quadro da variação diarreferencial, com seus subtipos e indicações para controle nas situações de entrevista:



²² Labov ([¹1970], ²1971, p. 200).

²³ V. citação nota 10.

2. Variação no ADDU e no ALGR

2.1 *Hipótese básica*

Ambos os projetos de atlas partem da convicção de que o estudo da variação linguística em grandes áreas é mais bem-sucedido quando se vale de um método que se baseia tanto na geolinguística quanto na sociolinguística. A dimensão diatópica é, com isso, um forte trunfo na mão da dialetologia areal. Somente através da arealidade, através do estudo da difusão dos fatos comprovados por uma detalhada análise sociolinguística, para além da localidade de entrevista, chega-se a um espaço tridimensional. Esse espaço tridimensional pode reproduzir melhor a estratificação da variedade, a arquitetura de uma língua histórica, bem como também as variedades resultantes de contatos entre diferentes línguas históricas, do que o fazem para si o estudo bidimensional de base areal, da geolinguística, e a análise monodimensional centrada em um único ponto, da sociolinguística.

2.2 *Justificativa principal para a abordagem pluridimensional*

Em nossa área de pesquisa rio-platense, soma-se ainda um caso especial. O espanhol e o português, as duas línguas introduzidas em amplas áreas da região através de dominação e colonização, são consideradas pobres em variação. O mesmo parece ocorrer com o guarani, uma das línguas de intercurso amplamente difundida no período colonial, e que o ALGR vem pesquisando no contato com o espanhol e o português. Certamente, não se formaram dialetos no português e no espanhol rio-platense que se diferenciasssem tanto da língua comum quanto o leonês, o andaluz ou o açoriano. É, no entanto, de se suspeitar que a impressão de uma grande unidade das línguas rio-platenses parte daqueles que pensam somente na variação diatópica e que a registram no círculo ao qual pertencem – na maioria dos casos, a classe média urbana. Para examinar essa suposição de homogeneidade bastante disseminada, recomendou-se incluir na agenda de pesquisa o maior número possível de tipos de variação, estender, por assim dizer, na área de pesquisa, antenas em todas as direções, para não deixar de registrar nenhum sinal de variação importante.

2.3 *Exigência de homogeneidade*

Fatores que, na antiga geolinguística, não foram exatamente controlados ou foram vistos como influências indesejadas, como, por exemplo, as intervenções de membros da família mais velhos ou mais jovens nas respostas dos informantes, precisam sem dúvida ser sistematicamente isolados na dialetologia pluridimensional, seguindo o modelo da sociolinguística e, depois de transformados em marcas características de grupos homogêneos, pesquisados separadamente uns dos outros.

2.4 Aproximação ao estilo espontâneo

Já mencionamos que não podemos afirmar que, em toda parte, conseguimos registrar o estilo mais espontâneo. Contudo, de acordo com nossa experiência, três decisões metodológicas contribuíram para fomentar a espontaneidade.

Formação de grupos por parte dos informantes

Em primeiro lugar, podemos mencionar a entrevista em grupo, que, em geral, deu bons resultados. Estimulados pelo *Atlas Linguístico da Renânia Central*²⁴, também nós buscamos entrevistar simultaneamente, quando possível, dois representantes do mesmo perfil de informante. Na maioria das vezes, formaram-se pequenos grupos de casais, vizinhos ou bons conhecidos. A inibição comumente observada na entrevista individual foi sensivelmente reduzida. Contudo, nem sempre se pôde efetivamente aplicar esse procedimento. Em algumas áreas rurais do Uruguai ou do Paraguai, já tivemos que nos dar por satisfeitos, se encontrássemos ao menos um representante para o grupo da geração velha da classe socioculturalmente mais alta (medido pela escolaridade formal). Nas cidades, especialmente os informantes jovens tinham muito que fazer e pouco tempo para nós. Um número excessivo de informantes pode prejudicar um levantamento de dados meticuloso. Especialmente no Paraguai, é preciso muito tato e desenvoltura para apartar os informantes das grandes famílias extremamente solidárias, pelo menos durante a entrevista. Com exceção dos grupos indígenas, nos quais todos se calam quando o cacique está presente, em nenhum outro lugar foi possível prever a dinâmica de grupo, através da qual um informante – não raro uma informante – se tornava o condutor da conversa, dificultando aos demais, e ao entrevistador, impor o direito geral de fala. Às vezes, a única saída foi substituir a pluralidade simultânea, que se buscava, por uma pluralidade sucessiva menos eficaz.

Rotina por parte dos informantes

O segundo elemento fomentador da espontaneidade foi a rotina por parte dos informantes. Assim que eles se habituavam ao jogo de perguntas e respostas e passavam a considerar o interrogador como inofensivo, a confiança crescia e aumentava a satisfação em prestar informações. Essa situação é favorecida pelas entrevistas longas. Nossas entrevistas para o atlas linguístico uruguaio, envolvendo mais de 3.000 perguntas, prolongaram-se muitas vezes por mais de uma semana. Mesmo o questionário do *Atlas Linguístico Guaraní-Românico*, fortemente reduzido a aproximadamente mil perguntas, raramente pôde ser aplicado em apenas um dia. Com isso, na maioria das vezes, tivemos que retornar à localidade. No segundo dia, o grau de confiabilidade já era totalmente outro.

²⁴ Cf. fundamentação metodológica em G. Bellmann (1994, § 7); assim como em Bellmann; Herrgen; Schmidt (1994 – 2002).

Para muitos, nossa visita representou uma mudança bem-vinda em sua solidão e o fim do levantamento, um motivo de tristeza. Mas também ocorreram situações, em que os informantes, no segundo dia, tinham subitamente desaparecido.

Formação de grupos por parte dos entrevistadores

Um terceiro auxílio na prática de pesquisa geolinguística e sociolinguística, embora mais raro, constituiu a formação de pequenos grupos por parte dos entrevistadores. Na verdade, previu-se em cada localidade de pesquisa um entrevistador local e um estrangeiro, para formar a equipe de entrevistadores. Devido à falta de tempo, dinheiro e candidatos treinados, nem sempre foi possível esse modelo. Contudo, onde conseguimos organizar essas duplas, as consequências psicológicas, sem contar as vantagens práticas da divisão do trabalho, foram bastante positivas. Como ocorre frequentemente nas relações triangulares, forma-se uma relação mais estreita entre duas das partes integrantes. Pudemos constatar mais de uma vez que o entrevistador falante nativo e os informantes se tornavam mais próximos e que agradava aos informantes, por sua vez, a função de instruir o estrangeiro sobre sua língua.

Congruência parcial

Quando atingimos a linguagem espontânea apenas de forma pontual ou quando apenas nos aproximamos dela, então é preciso supor, a partir dessa sondagem, que o “vernáculo”, em muitos fatos, associa-se aos estilos mais controlados, equivalendo, por conseguinte, ao menos parcialmente a estes. Graças a esse tratamento da variação na dialetologia pluridimensional, que se orienta pelos procedimentos de Labov, pode-se estabelecer uma escala de graus de espontaneidade crescente, assim como de autocontrole decrescente, cujas regularidades internas se estendem para campos de estilos ainda mais espontâneos ou mais controlados. Isso se aplica possivelmente sempre que nos movimentarmos no interior das variedades que pertencem às mesmas línguas históricas.

3. Os tipos de variação em particular

3.1 Variação intraindividual e interindividual, variação associada ao signo linguístico

Agora, nos ocupamos com a pergunta sobre quais tipos de variação podemos levar em conta no levantamento linguístico. Sistemáticamente, buscamos aumentar seu número e tipos, em nossos projetos de atlas.

Em primeiro lugar, na entrevista isolada, o entrevistador depara-se naturalmente com fatos da variação intraindividual. Na maioria dos projetos de atlas, desiste-se dessas variedades que se vislumbram aqui.²⁵ Os motivos se devem provavelmente à economia de trabalho. Assim, o *Atlas Linguístico da Renânia Central*, ao qual devemos muitas sugestões, restringe-se à estimulação de um único estilo. São apresentadas frases rigorosamente pré-estruturadas na língua *standard*, que os informantes devem traduzir para seu dialeto. Tal ocorre no modo do “apresentar”, que é o único analisado no atlas. A distinção inovadora entre dois tipos de informantes, falantes velhos fixos à localidade e jovens com mobilidade, orienta-se para a variação interindividual.

O ADDU e o ALGR ousaram introduzir uma série inteira de variáveis – denominadas por nós como *dimensões* – que aqui podem ser apresentadas apenas de forma sumária, tomando por base o ADDU.

Dimensão	Parâmetro
1. dialingual	espanhol vs. português
2. diatópica	topostático (relativamente fixos à localidade nos pontos A vs. N)
3. diatópico-cinética	topodinâmico (falantes móveis vs. fixos)
4. diastrática	classe socioculturalmente baixa vs. classe alta
5. diageracional	geração I (18 – 36) vs. geração II (60 ou mais)
6. diassexual	homens vs. mulheres
7. diafásica	respostas ao questionário vs. leituras vs. conversa livre
8. diarreferencial	língua-objeto vs. metalíngua, incluindo língua apresentante

Nesse quadro, as dimensões diatópica (isto é, topoestática e topodinâmica), diastrática, diageracional e diassexual equivalem a dimensões interindividuais. Por meio dos três parâmetros diafásicos, da dimensão dialingual e diarreferencial, por outro lado, chega-se à variação intraindividual. Como se pode constatar a partir da análise de dados até agora, nenhuma dessas dimensões é irrelevante, porém cada uma delas – segundo o material linguístico – revela diferentes graus de variação.

²⁵ Alguns atlas novos, como o *Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*, coordenado por Suzana Cardozo et al., inspiraram-se, em relação à pluridimensionalidade, no ADDU.

3.2 Lista aberta da variação

A lista de variáveis ou dimensões não se esgota com as nossas oito diferenciações. Em princípio, é uma lista aberta. Faz-se muito bem em aplicar a regra de ouro do estruturalismo, segundo a qual tudo pode ser estruturado, à arquitetura da língua: tudo pode variar. Se existe, por exemplo, alguma evidência de que diferentes afiliações religiosas resultam em diferentes comportamentos de fala, é razoável incluir no programa de pesquisa a dimensão “religião” (com os parâmetros “católico” vs. “evangélico”, que têm se mostrado relevantes na América Latina).²⁶ Uma outra questão bem diferente é se essas dimensões, por razões heurísticas mantidas separadas, no fim não se resumem, por sua natureza, a apenas três tipos, como afirmou com veemência, até suas últimas publicações, Eugênio Coseriu.²⁷

3.3 Variação diafásica e graus de espontaneidade

A variação diafásica, como na sociolinguística, é empregada principalmente para questões fonéticas. Sobre sua utilidade fornecem informações os dois fascículos publicados do ADDU.²⁸ Há duas dificuldades, porém, que não devem ser ocultadas. Ao contrário do que se supunha originalmente, a leitura (de uma versão facilitada da parábola do filho pródigo) nem sempre se mostrou como o estilo, no qual o falante mais se controla, como havíamos imaginado em função do estímulo oferecido, da lembrança da alfabetização escolar e do exercício pouco habitual da leitura em voz alta. Nos falantes uruguaios, que ainda oscilam entre a variante conservadora palatal sonora [ʒ] e a variante mais inovadora surda [ʃ], em palavras como *ellos*, *suyo*, apresenta-se, com frequência, um uso comum na leitura e na conversa, enquanto o estilo de resposta se diferiu de forma conservadora ou inovadora nas formas apresentadas (cf. os mapas plurifásicos 36-43 no ADDU I, A.1). Portanto, não se deve pressupor uma sequência diafásica fixa baseada na espontaneidade (relativa).

3.4 Variação no interior de uma variedade

Outra dificuldade que se coloca é a que resulta do fato de que, em muitos informantes, a variação segue dentro das variedades isoladas delimitadas por nós. Isso ficou evidente, sobretudo, na leitura, na qual, nas primeiras linhas, o autocontrole conduzia a realizações conservadoras (até mesmo à lateral palatal [ʎ], que não ocorre mais de forma espontânea no Uruguai), que então quanto mais o informante se envolvia na leitura, tanto mais se aproximava de sua pronúncia habitual nos outros estilos. É mais provável que se

²⁶ Essa era inicialmente a intenção das minhas colegas, que trabalham no *Atlas Lingüístico do Brasil*. Posteriormente, contudo, desistiram da ideia. Cf. a ampliação do catálogo de variação como na seção 4.2.

²⁷ Coseriu (1998a).

²⁸ V. nota 9.

trate de uma substituição de variedade do que da existência de regras variáveis dentro do mesmo estilo. Visto que esse fenômeno, de uma cadeia de variação inesperadamente prolongada, não se manifesta igualmente em todos os informantes, torna-se difícil uma subdivisão do *corpus* de leitura, independente do fato de que qualquer divisão reduz a quantidade de evidências dos fatos individuais. Essa variação em excesso não conseguimos processar na cartografia e análise estatística. Ela reduz significativamente a exatidão das nossas diferenciações diafásicas. Em virtude do número relativamente grande de informantes (no ADDU mais de 1.300), atenua-se aparentemente essa problemática. Em todo caso, na superfície pode-se reconhecer regularidades específicas dos três estilos.

3.5 Variação (distribucional) associada ao signo linguístico

Enquanto na variação diafásica não é fácil decidir se esta é inerente à natureza linguística ou conduzida por fatores externos, o *status* da variação distribucional, bem conhecida de todos, que aflora no diálogo entre indivíduo-informante e entrevistador, está condicionado à estrutura interna da língua, exceto talvez em enunciados linguísticos fortemente emotivos. Faz parte da variação distribucional, por exemplo, a ocorrência crescente, no espanhol de muitos falantes uruguaios, da africada [tʃ] em posição inicial de palavra, como em *yo* [tʃo] ou *llamo* [ˈtʃamo], em oposição ao alofone não-africado [ʃ] em posição intervocálica (*calle* [ˈkaʃe]).

4. Relação entre variação intra- e interindividual

No diálogo entre informante e entrevistador, pode-se apreender somente a variação intraindividual ou também a interindividual? As duas classes de variação estão relacionadas entre si ou aparecem apenas separadas? A mim parece que há, pelo menos, três possibilidades de ambas as classes se combinarem e, com isso, aumentar a representatividade dos atlas linguísticos como documento do uso linguístico coletivo.

4.1 Análise em painel

A variação interindividual é apreendida, normalmente, através de entrevistas sucessivas de diferentes informantes e comprovada, posteriormente, na análise dos dados. Há, contudo, uma ligação entre variação inter- e intraindividual que se reconhece quando, depois de um período suficientemente longo, repete-se determinada entrevista com o mesmo informante, que porém – como se diz na sociologia²⁹ – movimentou-se horizontal ou verticalmente. O informante pode ter mudado de residência, quer dizer, se tornado topodinâmico. Ele pode ter, na direção vertical, socialmente ascendido ou decrescido.

²⁹ Sorokin ([¹1927], ³1959).

Forçosamente, altera-se também seu *status* diageracional. Quem acredita que nosso sexo não representa nada além de um construto social, que igualmente pode ser alterado, poderá considerar razoável admitir mudança individual dentro da dimensão diassexual. Em nossos projetos de atlas, essas “análises de painel” não são possíveis. Mas, seletivamente, podem ser desenvolvidos estudos monográficos ligados ao atlas linguístico, como no caso do Uruguai, nos quais alguns falantes são novamente entrevistados, após um período superior a dez anos. Um estudo desse tipo está sendo desenvolvido em relação às formas de tratamento.³⁰

Na fase de entrevistas, realizamos gravações de controle em uma série de casos. No entanto, o intervalo máximo entre a entrevista inicial e a de controle foi de três anos, o que certamente é pouco tempo para viabilizar uma “análise em painel”.

4.2 Perguntas de sugestão

Nos [três] projetos de atlas [da trilogia rio-platense, da qual fazem parte o ADDU, ALGR e ALMA-H³¹], complementamos as perguntas indiretas da parte lexical, através das quais buscamos estimular respostas o mais espontâneas possíveis, com sugestões. Tais sugestões servem geralmente para captar a dimensão dialingual; elas se relacionam, portanto, com as outras línguas respectivamente (por exemplo, em falantes de espanhol no Uruguai com conhecimento de português, e vice-versa). Em parte, no entanto, são também mencionadas formas que são marcadas pelo falante como sendo de ordem diastrática ou diageracional (por exemplo, *maula* “covarde, embusteiro” é assinalada como sendo, no espanhol do Uruguai, uma palavra da geração mais velha). Além disso, são sugeridas, com grande regularidade, formas que o falante entrevistado não mencionou, mas que tomamos conhecimento por meio de outros falantes (pertencentes ao mesmo grupo de falantes ou a outro). Com isso, não apenas combinamos a classe de variação interindividual com a intraindividual, mas também ampliamos o catálogo dos tipos de variação em torno da dimensão referente à disponibilidade ativa ou passiva das formas. No âmbito do léxico, tem-se conseguido registrar essa variação de forma mais ou menos completa. Ao mesmo tempo, ampliamos, nos mapas, o campo de visão do caminho traçado por uma mudança linguística. No exemplo em anexo da variável *caçula* (mapa 1: “filho mais novo”; afro-lusismo proveniente do Brasil), temos uma inovação lexical. Também poderíamos ter o caminho da regressão, como é o caso de muitos italianismos no vocabulário dos falantes hispanófonos no Uruguai.

³⁰ Como projeto de dissertação da minha aluna St. Mauermann, que se baseia no trabalho de doutorado concluído de R. Mendoza (no prelo), que documentou, através do ADDU, a valorização do nível linguístico.

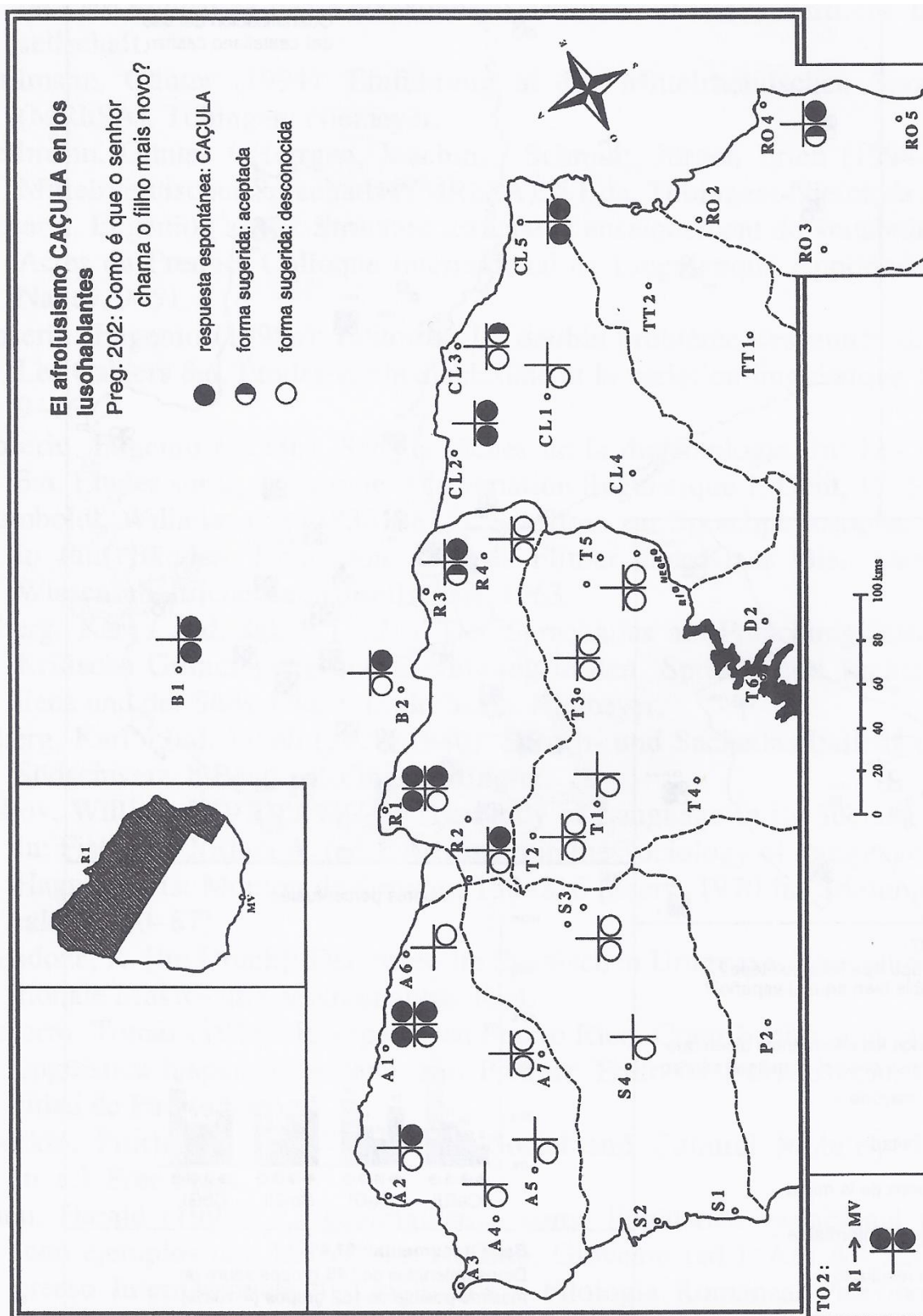
³¹ N.T.: *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*, desenvolvido por H. Thun e C. V. Altenhofen, posterior a este artigo, mas já anunciado pelo autor.

4.3 Entrevistas em grupo

A ligação entre variação intra- e interindividual é estabelecida, de forma mais evidente, através das entrevistas em grupo. Assim como no projeto germanístico do *Atlas Linguístico da Renânia Central*, esperamos que a copresença de mais de um informante nos ajude a ampliar a quantidade de dados. Mas, enquanto o MRhSA, ao que parece, procura acima de tudo conduzir os informantes a um acordo sobre a forma local mais autêntica, nós nos voltamos, por outro lado, ao registro mais completo possível da fatura de variantes (polimorfismo). Tais variantes buscamos documentar, ao menos seletivamente, na cartografia. Reduzir variantes vai, na verdade, contra o objetivo principal do atlas linguístico. Heterogeneidade e homogeneidade do comportamento linguístico do grupo de informantes formam um nível próprio de descrição nos nossos atlas. Pelo menos no ALGR-Sociologia, recém publicado, esses aspectos foram permanentemente considerados e apresentados em intervalos (cf. mapa 2 em anexo). Nas partes linguísticas dos volumes do atlas, é preciso estabelecer um compromisso entre necessidades metodológicas e o espaço disponível.

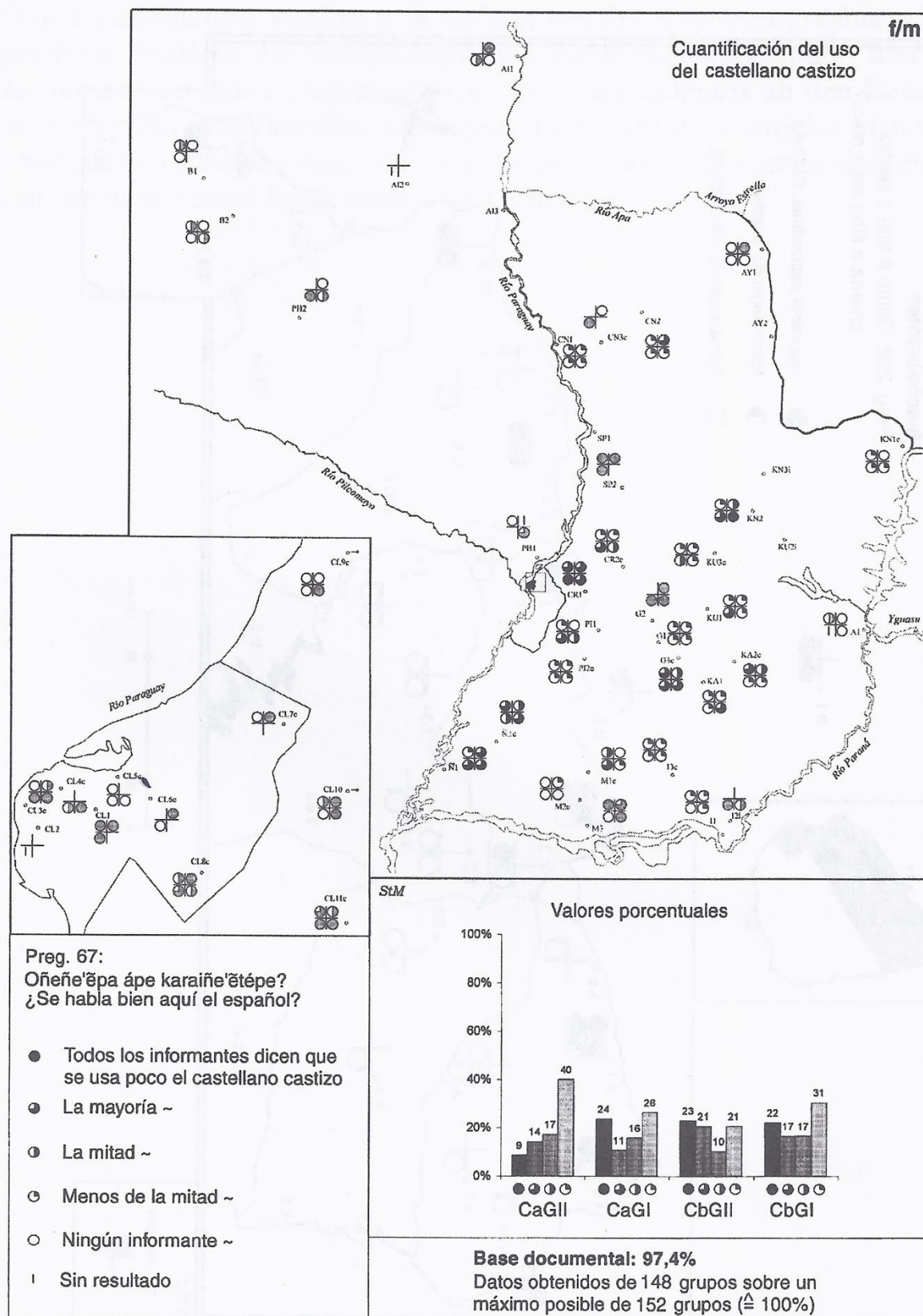
5. Conclusão

Vimos que, por um lado, com o chamado paradoxo do observador, uma antiga prática da geolinguística ganhou um novo nome e que, por outro lado, os estilos linguísticos controlados fazem parte da competência do falante. A dialetologia pluridimensional busca comprovar que, também em um projeto envolvendo uma grande área e já no contato entre um informante e um entrevistador, podem ser registradas variedades que se distinguem por diferentes graus de autocontrole. Se também o “vernáculo”, como uma variedade que não se oferece a um estranho, escapa ao observador, então, segundo o modelo de Labov, deve ser possível uma gradação no terreno mais ou menos controlado. Na interpretação de mapas linguísticos pluridimensionais, deve-se fazer possível apreender os traços do estilo pouco controlado, ou ainda, mais espontâneo, que, em uma análise massiva de dados, pode ser menos registrado de forma equitativa e que também não pode ser devidamente cartografado. Nesse sentido, o olhar para as *erga* com fala espontânea também no atlas linguístico não aparece completamente regulado. Somente em termos de uma história da ciência se pôde aqui abordar outras perguntas não menos relevantes, como, por exemplo, o problema, atentamente acompanhado pela geolinguística, sobre as percepções distintas dos entrevistadores, bem como as concessões normalizadoras feitas pelo redator de atlas ao usuário. Precisa ficar para outro momento, como nossos projetos de atlas se posicionam a esse respeito. Uma coisa, contudo, é certa: também um atlas pluridimensional precisa ter um recorte, se ele um dia quer ficar pronto ou ser legível para outros.



Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Sociología

Karte 2



© Harald Thun 2001

Bibliografia

- BAUSINGER, Hermann. "Identität". In: BAUSINGER, Hermann et al. (eds.). *Grundzüge der Volkskunde*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, [1978] (31993).
- BELLMANN, Günter. *Einführung in den Mittelrheinischen Sprachatlas (MRhSA)*. Tübingen: Niemeyer, 1994.
- BELLMANN, Günter; HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich. *Mittelrheinischer Sprachatlas (MRhSA)*. 5 Bde. Tübingen: Niemeyer, 1994-2002.
- COSERIU, Eugenio. "Structure lexicale et enseignement du vocabulaire". In: *Actes du Premier Colloque International de Linguistique Appliquée*, Nancy, 1966, p. 9-51.
- _____. Éditorial. "Le double problème des unités dia-s". In: *Les Cahiers διά. Études sur la diachronie et la variation linguistique* 1. Gent, 1998a, p. 9-16.
- _____. "Sens et tâches de la dialectologie". In: *Les Cahiers διά. Études sur la diachronie et la variation linguistique* 1. Gent, 1998b, p. 17-56.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Schriften zur Sprachphilosophie*. Werke in fünf Bänden. Andreas Flitner e Klaus Giel (eds.). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.
- JABERG, Karl; JUD, Jakob. *Der Sprachatlas als Forschungsinstrument. Kritische Grundlegung und Einführung in den Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Halle/Saale: Niemeyer, 1928.
- _____. *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. 8 Bände. Zofingen: Ringier, 1928-1940.
- LABOV, William. "The Study of Language in its Social Context". In: FISHMAN, Joshua A. (ed.): *Advances in the Sociology of Language*. I. The Hague, Paris: Mouton de Gruyter, [1970], 1971, p. 152-216 [zuerst 1970 in: *Studium Generale* 23, 30-87].
- MENDOZA, R. [no prelo]: *Der voseo im Spanischen Uruguays. Eine pluridimensionale Makro- und Mikroanalyse*. Kiel.
- NAVARRO, Tomás. *El español en Puerto Rico. Contribución a la geografía lingüística hispanoamericana*. Rio Piedras: Editorial Universitaria, Universidad de Puerto Rico, 1948.
- SOROKIN, Pitirim A. *Social and Cultural Mobility*. London et al.: Free Press, [1927], 1959.

THUN, Harald. "La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del ADDU)". In: RUFFINO, Giovanni (ed.): *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Palermo 1995. Sezione V: Dialettologia, geolingüística, sociolingüística. Tübingen: Niemeyer, 1998.

_____. "Altes und Neues in der Sprachgeographie". In: WOLFF, Dietrich; ULRICH, Hoinkes (eds.): *Romanistica se movet*. Festgabe für Horst Geckeler zu seinem 65. Geburtstag, Münster: Nodus Publikationen, 2000, p. 69-89.

_____. "La pluridimensionalidad en el Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)". In: PERDIGUERO, Hermógenes; ÁLVAREZ, Antonio (eds.): *Estudios sobre el Español de América. Actas del V Congreso Internacional de „El Español de América"*. Burgos, 1995. Burgos, 2001, p. 1279-1311 [edição eletrônica].

_____. "L' Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay". In: *Géolinguistique* 9, 2001-2002a, p. 169-185.

_____. "L'Atlas lingüístico Guaraní-Románico". In: *Géolinguistique* 9, 2001-2002b, p. 115-126.

_____. "Geografia linguistica e reti di comunicazione". In: KREFELD, Thomas (ed.). *Spazio vissuto e dinamica linguistica*. Frankfurt/Main et al.: Peter Lang, 2002, p. 25-46.

_____. "Metasprache, "fake-language" und Objektsprache. Die diareferentielle Dimension im Atlas lingüístico Guaraní-Románico. Sociología (ALGR-S)". In: LENZ, Alexandra N.; RADTKE, Edgar; ZWICKEL, Simone (eds.). *Variation im Raum. Variation and Space*. Frankfurt/Main et al.: Peter Lang (VarioLingua, 20), 2004, p.133-161.

THUN, Harald et al. (eds.). *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Tomo 1: Consonantismo y voealismo del español. Fasc. A.1: Lateral-palatal (/ʎ/, <ll>) y fricativa mediopalatal (/j/, <y>: Lleísmo, yeísmo, Zeísmo y Jeísmo en el español uruguayo. Tomo II: Léxico. Fasc. B.3. Italianismos. Kiel: Westensee-Verlag, 2000a.

_____. *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay - Norte (ADDU-Norte)*. Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. A.1: Laterales y palatales. A.1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [i]). B. La lateral palatal /ʎ/. Fasc. B.1: Yeísmo en el portugués uruguayo (/ʎ/ > [j]). Kiel: Westensee-Verlag, 2000b.

_____. *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Sociología (ALGR-S)*. Tomo I: Comentarios. Tomo II: Mapas. Kiel: Westensee-Verlag, 2002.